



**SAUDADE**  
Em homenagem emocionante, familiares, amigos e admiradores lembram vida e obra da professora Maria Lucia Werneck Vianna.

**Páginas 6 e 7**

# 1 B I

Recém-atualizado, levantamento do Escritório Técnico da Universidade sobre as condições de infraestrutura de toda a UFRJ alcança 76% da área construída e uma cifra preocupante: seria necessário R\$ 1 bilhão para recuperação de todos os prédios. O valor supera em mais de três vezes o orçamento previsto apenas para o funcionamento básico da instituição em 2025.

**Páginas 4 e 5**

# 76%

IMAGENS: REAB/ETU



# MINISTRO FLÁVIO DINO DÁ PRAZO PARA ADEQUAÇÃO DAS FUNDAÇÕES DE APOIO

O Ministério da Educação, a Controladoria-Geral da União e a Advocacia-Geral da União (AGU) têm até 12 de fevereiro para regulamentar a prestação de contas das emendas parlamentares recebidas pelas instituições de ensino superior e suas respectivas fundações de apoio. A decisão do ministro Flávio Dino, do Supremo Tribunal Federal, é um dos desdobramentos do processo que busca ampliar a transparência dos recursos distribuídos por deputados e senadores.

No dia 3, com base em relatório da CGU, Flávio Dino determinou pesadas sanções a 13 entidades que não divulgariam ou não estariam fornecendo informações de forma adequada sobre o uso das verbas de emendas federais. Entre elas, a Coppetec, maior fundação de apoio da UFRJ.

Além de ficarem sem os repasses de emendas, todas deveriam ser inscritas no Cadastro de Entidades Privadas Sem Fins Lucrativos Impedidas (CEPIM) e no Cadastro Nacional de Empresas Inidôneas e Suspensas (CEIS). A inscrição nestes cadastros bloquearia o recebimento de recursos não só de emendas, mas de outras fontes, o que prejudicaria centenas de projetos nas universidades.



GUSTAVO MORENO/STF

A medida gerou rápida reação das entidades do setor que, após uma reunião com a CGU ainda no dia 8, acreditam que nenhuma fundação de apoio será punida. "Fomos misturados no bolo de outras instituições que não têm esse controle que temos. Temos um controle rigorosíssimo de contas", afirmou o presidente do Conselho Nacional das Fundações de Apoio às Instituições de Ensino Superior e de

de Pesquisa Científica e Tecnológica (Confies), professor Antonio Fernando de Souza Queiroz.

O dirigente explicou que as fundações só foram citadas no relatório da CGU por não utilizarem as palavras "emenda parlamentar" em seus portais. "As fundações de apoio não recebem emendas parlamentares diretamente. Quem recebe são as IFES ou ICTs (Instituições Científicas e de

Inovação Tecnológica), que traduzem essas emendas para as fundações na forma de projetos. A gente não escrevia 'emenda parlamentar'. Não havia essa incumbência. Agora a gente vai colocar", completou Queiroz.

## PETIÇÃO DÁ RESULTADO

Em paralelo ao diálogo com a CGU, as fundações aperfeiçoaram seus portais de transparência e fizeram petições ao ministro Dino solicitando a revisão da decisão. A União Brasileira de Educação e Assistência (Ubea), entidade mantenedora da PUC-RS, foi retirada esta semana da lista de instituições com repasses de emendas parlamentares suspensos.

No dia 10, o ministro solicitou que a Controladoria verificasse se a Coppetec e mais duas fundações de apoio que também enviaram petições ao STF estão cumprindo os requisitos de transparência das emendas. "Nossa expectativa é que o ministro tome uma decisão similar (à da PUC-RS), tão logo a CGU informe que nós e o outro grupo de fundações atendemos aos critérios estabelecidos", disse o diretor-superintendente da Coppetec, professor Antonio Figueiredo. **(Kelvin Melo)**

## ADEUSA EDSON PEREIRA DE SOUZA



ARTUR MÔES

pela UFRJ em plena Ditadura Militar", lembra, emocionado, o professor Hélio de Mattos Alves, da Faculdade de Farmácia. "Era o período das campanhas pelas Diretas Já que terminou como eleição de Tancredo Neves, culminando com o fim da Ditadura Militar. A Decania do CCMN era a casa do DCE, da ADUFRJ e do SINTUFRJ", recorda-se o docente.

Hélio de Mattos, que também participou do período de fundação da então Associação Docente da UFRJ, conta como foi importante a atuação política do professor Edson na universidade. "O auditório Roxinho era nosso encontro. De convivência civilizatória, o local da pluralidade, da tolerância das ideias e ideais e da diversidade como deve ser a Universidade. E ele, na sua direção, exercitou esses princípios como ninguém", relembra. "Sua sala e instalações eram abertas e acessíveis. Mas ele sempre deixava claro sua paixão por Brizola e pela Educação Integral dos CIEPs. As atividades sempre terminavam com ele presente no Bar do SINTUFRJ ou até mesmo na decania o professor Horácio Macedo, primeiro reitor eleito

Com pesar, a AdUFRJ comunica o falecimento de um de seus fundadores, o professor Edson Pereira de Souza, aposentado do Instituto de Física, aos 81 anos. Docente desde 1970, ele foi decano do CCMN, entre 1985 e 1990. "Foi um dos períodos de grande movimentação da UFRJ. Edson sucedeu na decania o professor Horácio Macedo, primeiro reitor eleito



## PERSONAGEM DO ANO DO PANTANAL: RENATA LIBONATTI

Renata Libonatti, docente do Instituto de Geociências, foi homenageada como uma das "Personagens do Ano no Pantanal 2024" pela ONG Ecologia e Ação. Ela é a única profissional que atua fora do bioma a receber o reconhecimento. A homenagem destaca pessoas que atuam na proteção, recuperação, divulgação, fiscalização e produção sustentável, além de ciência e defesa das comunidades pantaneiras.

A docente coordena o Laboratório de Aplicações de Satélites Ambientais, responsável pelo sistema Alarmes, que monitora diariamente os incêndios no país. O projeto foi lançado em 2020. À AdUFRJ,

à época, a docente explicou sobre o sistema e festejou o impacto social da iniciativa. "Mostramos como a universidade serve às demandas da sociedade", disse.

Ao Conexão UFRJ, Libonatti contou que o projeto foi aprimorado desde então e ganhou mais relevância nas tomadas de decisão sobre os incêndios. "Ele não só monitora a área queimada. Há outros produtos, como previsões meteorológicas de perigo de fogo. Temos a expectativa de que vai queimar no Pantanal até o final do ano, baseado em dados climáticos, em dados de fogo". **(Com informações do Conexão UFRJ)**

## CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufrrj.org.br.

### RIO DE JANEIRO

-  IBEU
-  CLUB PET
-  MAPLE BEAR TIJUCA
-  MIT CUIDADORES
-  ACADEMIA TIJUCA FIT
-  MADONA CLINIC
-  PSICARE
-  FISIOTERAPIA RJ LTDA
-  CRECHE AMANHECENDO
-  CRECHE ESCOLA RECRIAR
-  CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS
-  ROÇA URBANA ORGÂNICOS
-  JC LUZ CORRETORA
-  FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL
-  BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS
-  MACAÉ ESCOLA ALFA
-  CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL
-  HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR
-  MAIS FITNESS ACADEMIA
-  CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA
-  RIO DE JANEIRO E MACAÉ INSPIRE ENERGIA SOLAR
-  KALUNGA PAPELARIA
-  DROGARIA RAIA
-  WELLHUB

# Campanha de doações para restaurar JMM supera meta

> Projeto inscrito na Lei Rouanet por associação de amigos e ex-alunos da FAU consegue arrecadar quase o dobro do previsto em 2024. Objetivo é financiar projeto de prevenção e combate a incêndios

ALEXANDRE MEDEIROS  
comunica@adufrrj.org.br

Um lugar repleto de histórias e afetos, mas com problemas estruturais que colocam em risco milhares de pessoas que por lá circulam todos os meses. Para valorizar a primeira parte dessa descrição e ajudar a combater a segunda, um grupo de amigos e ex-alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) arregaçou as mangas e buscou uma solução que já se mostrou promissora: uma campanha de doações para melhorar a infraestrutura do edifício Jorge Machado Moreira, o JMM, que abriga a faculdade e a Escola de Belas Artes da UFRJ (EBA), além do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional (IPPUR). A iniciativa quase dobrou a meta prevista para 2024 e entra em 2025 com fôlego renovado.

"Conseguimos aprovar um projeto de recuperação dos sistemas do JMM na Lei Rouanet, sobretudo para prevenção e combate a incêndios. E ultrapassamos a meta em 2024 só com doações de pessoas físicas. Vamos este ano avançar na captação também de pessoas jurídicas", se entusiasma o arquiteto Carlos Fernando Andrade, ex-aluno da FAU e presidente da AMEFAU-UFRJ (Associação dos Ex-alunos e Amigos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRJ), associação de direito civil fundada em 13 de junho de 2022 que reúne egressos do corpo discente, docentes e técnicos da faculdade. A associação foi reconhecida e oficializada pela Congregação da FAU em 3 de agosto de 2022.

## AFETO E AFLIÇÃO

Em seu segundo mandato à frente da AMEFAU — 2022-2024 e 2024-2026 —, Carlos Fernando conta que a associação nasceu para preservar a memória da FAU e mobilizar recursos para restaurar o JMM. As doações para o projeto de recuperação dos sistemas do edifício fecharam 2024 em R\$ 50 mil — superando com folga os R\$ 27 mil previstos como meta para o ano. "Com o projeto, nós temos condição de propor a obra que é necessária. Sem projeto, a gente não consegue fazer nada", diz Carlos Fernando. O objetivo final é arrecadar R\$ 300 mil.

O projeto é crucial para a execução de obras emergenciais



KELVIN MELO

TOMBADO desde 2016 pela Prefeitura do Rio, o JMM é uma joia da arquitetura moderna no Brasil, mas tem sérios problemas estruturais

para redução de riscos, como a dos sistemas de prevenção a incêndio, pânico e descargas atmosféricas. "O prédio da FAU sofreu pelo menos dois incêndios recentes e a gente via isso com muita aflição. Então criamos a associação e começamos a batalhar usando a internet. Já conseguimos fazer algumas coisas pequenas na FAU, coisas que para uma entidade pública é difícil fazer, como pintar uma parede, trocar um vidro, comprar uma tomada. Temos uma ótima parceria com o Centro Acadêmico (CAFAU) e a direção", relata Carlos Fernando.

No dia 3 de outubro de 2016, um incêndio atingiu o oitavo andar do JMM. O fogo, a fuligem e a água colocaram em risco o mais completo arquivo relacionado à Arquitetura e ao Urbanismo brasileiros, com 300 mil itens, incluindo 50 mil documentos e cinco mil fotografias. Em 20 de abril de 2021, outro incêndio destruiu dependências administrativas e parte das instalações do Núcleo de Pesquisa e Documentação da FAU, levando à destruição de documentos.

## "MUITO RUIM"

O mais recente levantamento sobre as condições estruturais do JMM confirma a aflição descrita por Carlos Fernando Andrade. Segundo o relatório da vistoria REAB-2024 do Escritório Técnico da Universidade (ETU), divulgado em dezembro passado, o edifício foi classificado como "muito ruim" em ter-



A campanha de doações para o projeto de recuperação dos sistemas é muito importante para nós. Esse projeto pode garantir melhores condições de segurança às pessoas"

GUILHERME LASSANCE  
Diretor da FAU

mos de estado de conservação (veja matéria sobre o relatório completo nas páginas 4 e 5). O documento indica a necessidade de uma reabilitação estrutural do tipo "profunda" nas três partes que compõem o imóvel: estrutura e cobertura; fechamentos e acabamentos externos e internos; e instalações.

"Pode-se analisar também que as anomalias de conservação e desempenho do tipo grave estão distribuídas entre os três grupos que compõe a edificação, indicando que há anomalias que representam situações de risco imediato para os usuários em todos os grupos do imóvel", alerta o relatório. Entre as 92 avaliações

realizadas pelo ETU em toda a UFRJ no período 2023/2024, o JMM é o segundo imóvel com estado de conservação mais deteriorado, atrás apenas do Museu Nacional, totalmente destruído pelo incêndio de 2018. O investimento estimado para a reabilitação total do edifício é de R\$ 198 milhões.

## PARCERIA

Para o professor Guilherme Lassance, diretor da FAU, as falhas de estrutura do JMM são motivo de apreensão constante. "Quando voltamos da pandemia de covid-19 identificamos muitas carências de investimentos na UFRJ e, mais especificamente, no edifício JMM", afirma. "Veio nesse contexto a criação da associação de ex-alunos, que era um antigo desejo nosso. A campanha de doações para o projeto de recuperação dos sistemas é muito importante para nós. Esse projeto pode garantir melhores condições de segurança às pessoas", avalia Lassance.

O diretor lembrou que o edifício é tombado pelo Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, da Prefeitura do Rio, desde 2016. E que os dois incêndios recentes ligaram um sinal de alerta em relação à segurança de alunos, professores e técnicos. "A campanha de doações é uma possibilidade que se abriu para nós. A associação é de amigos e de ex-alunos da FAU, mas conversei com a diretora da EBA, a professora Madalena Grimaldi, que está empenhada em nos

ajudar a captar as verbas. É de interesse de todos que ocupam o prédio. Em outra frente, estamos em processo de negociação com o Corpo de Bombeiros para a instalação de escadas de escape de incêndio externas".

A diretora da EBA também enxerga na campanha uma possibilidade de melhorar a infraestrutura do JMM. "A iniciativa é excelente. A gente vive num momento muito difícil de custeio para fazer qualquer obra, então arrecadar verbas externamente é positivo. Isso pode ajudar a resolver parte dos problemas do JMM, que são muitos. Há hoje uma parceria muito forte entre a EBA e FAU. Temos projetos coletivos, como o da biblioteca integrada do segundo andar. Eu ainda tenho pouco mais de um ano de direção, fico até fevereiro de 2026, e pretendo fortalecer essa parceria com a FAU", diz a professora Madalena Grimaldi.

A mudança da sala da direção da EBA do sétimo para o segundo andar do JMM — onde fica a direção da FAU — é outro movimento concreto dessa parceria. "Há um impacto político importante nessa mudança, sinaliza essa parceria. Durante muito tempo, a EBA se sentiu como uma inquilina indesejável no JMM, mas hoje há uma sensação de pertencimento", acredita a diretora.

## PARA MAIS INFORMAÇÕES

sobre a campanha de doações da AMEFAU acesse <https://ameafau.org.br/> ou <https://www.instagram.com/ameafau/>

# AGORA É R\$ 1 BILHÃO

RENAN FERNANDES  
comunica@adufjr.org.br

Um dos grandes desafios da UFRJ para os próximos anos, a recuperação da infraestrutura, acaba de alcançar uma cifra impactante. Levantamento do Escritório Técnico da Universidade (ETU) estima em R\$ 1.059.184.000 o custo da reabilitação total dos espaços avaliados até agora. O valor é mais de três vezes superior ao orçamento de R\$ 324 milhões previsto para despesas de funcionamento básico da instituição em 2025 e que ainda aguarda aprovação no Congresso. O estudo de 2023 apontava um custo de R\$ 795,7 milhões para recuperar 52% de toda a área construída.

Chamado de REAB, o levantamento de 2024 analisou 95 prédios, o que equivale a 76% (ou 754.337 m²) da área construída da universidade. Sobre os 24% não analisados, a expectativa do ETU para a próxima edição é a inclusão dos dados do prédio do Centro de Ciências da Saúde e da Escola de Educação Física e Desportos.

“Sabemos que a infraestrutura física da UFRJ é muito precária e conhecer a dimensão real desta situação e ter projetos para cada uma das edificações avaliadas são pontos cruciais que levarão à sua recuperação”, analisou a professora Cassia Turci, reitora em exercício — o professor Roberto Medronho está de férias.

O cenário é caótico. Do custo total de reabilitação, 74% (ou R\$ 778.639.000) são para intervenções consideradas emergenciais, anomalias graves que podem colocar em risco a integridade física de quem frequenta os campi da universidade.

Já considerando os recursos escassos que inviabilizam obras maiores, uma novidade da mais recente edição do estudo foi a inclusão de uma estimativa de investimento em manutenção dos imóveis, de forma a frear a degradação e aumentar sua vida útil. O valor estimado para cobrir esses custos de manutenção é de R\$ 29.637.400 por ano.

“Quanto pior está o prédio, mais cara é a manutenção. Queremos incluir na próxima edição uma previsão de quanto seria esse valor se as edificações estivessem nas condições ideais para saber quanto dinheiro é jogado fora”, explicou o arquiteto Christiano Ottoni, do ETU.

A professora Cássia disse que a reitoria está empenhada em

garantir a conservação dos prédios. “Estamos trabalhando em um contrato de manutenção para todos os setores de forma a atender serviços básicos nas redes elétrica, hidráulica e conservação mínima das edificações. Um grupo de trabalho foi formado para este fim, envolvendo servidores de todos os centros e da reitoria”, disse.

## CT

A inclusão dos dados referentes aos 215.221 m² de área construída do Centro de Tecnologia aumentou a abrangência do levantamento. O CT agora corresponde a 28,5% de toda a área avaliada pelo REAB.

A imensidão no tamanho é refletida nos custos para reabilitação do prédio. Apesar do estado de conservação ser considerado “regular”, o imóvel saltou para o primeiro lugar no quesito custo para reabilitação total, com R\$ 202,3 milhões. O edifício Jorge Machado Moreira, no estado de conservação “muito ruim”, mas com uma área três vezes e meia menor, aparece em segundo lugar com custo estimado de R\$ 198,1 milhões. Já o custo de manutenção de todo o prédio foi avaliado em R\$ 8,1 milhões anuais. Entre as intervenções prioritárias no prédio estão as instalações de esgoto e elétricas, revestimentos externos, cobertura e fundação.

E poderia ser pior, não fosse o esforço dos servidores do setor. O arquiteto Ivan Carmo, diretor do Escritório de Planejamento do CT, exaltou o trabalho da equipe responsável pela manutenção. Entre 2023 e 2024, 1.600

ordens de serviço foram abertas e 90% concluídas. “Durante os últimos dois anos de regime de manutenção organizado, conseguimos recuperar devagarinho alguns problemas no CT”, explicou.

Ivan elogiou o levantamento feito pelo ETU. “O REAB é uma ferramenta de planejamento fantástica. Por meio do levantamento, já identificamos onde priorizar os esforços para ter um prédio razoavelmente controlado quanto à manutenção”, disse Carmo.

## OUTRAS UNIDADES

Alguns prédios registraram piora no índice de reabilitação na comparação entre os levantamentos de 2023 e 2024. Foram os casos do IPPMG, do Palácio Universitário, do Restaurante Universitário Central e do prédio do Instituto de Mate-

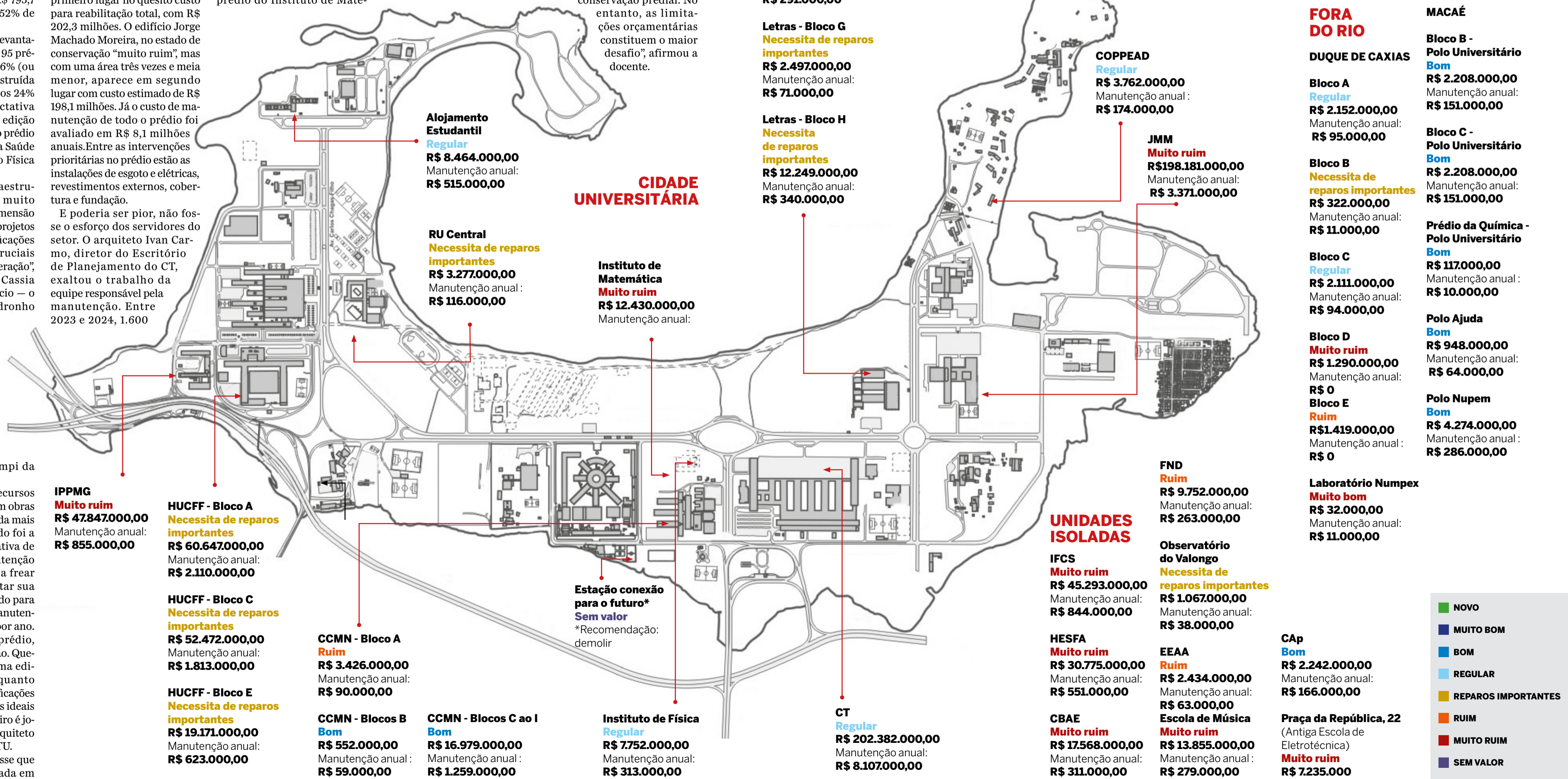
mática. Mas a maior discrepância aconteceu com a Escola de Serviço Social, que despencou da classificação “Regular” para “Ruim”. A causa principal foi a identificação de problemas graves na estrutura da caixa d’água que não foram observados no levantamento anterior.

Para Ottoni, avaliações melhores e mais detalhadas são resultado da boa aceitação do trabalho. “Com a repercussão dos resultados de 2023, muitos servidores entenderam a funcionalidade e a importância desse trabalho e dedicaram mais tempo e atenção nas vistorias de 2024”, avaliou o arquiteto. “A cada ano, com a consolidação do sistema de gestão REAB UFRJ e a repetição do trabalho, a tendência é que as vistorias abranjam cada vez mais detalhes da real situação”, completou.

Já o CAp UFRJ foi uma das unidades que registraram uma melhora na classificação. Antes considerado “Regular”, o prédio localizado na Lagoa evoluiu para “Bom”. O prédio passa por reformas para solucionar problemas de infiltrações e na rede elétrica.

Apesar da melhoria na classificação do levantamento, a professora Cassandra Pontes, diretora da escola, listou algumas demandas estruturais que preocupam a comunidade do colégio. Entre os pontos destacados estão reformas na quadra esportiva, no muro ao redor da escola, a pintura interna e externa do prédio, além da construção de uma cozinha industrial.

“A direção geral da escola, em suas diferentes gestões, sempre teve o forte compromisso com a promoção de ações de conservação predial. No entanto, as limitações orçamentárias constituem o maior desafio”, afirmou a docente.



# MARIA LUCIA PRESENTE SEMPRE!

> Evento na Praia Vermelha homenageou a trajetória pessoal e acadêmica da professora Maria Lucia Teixeira Werneck Vianna, uma das grandes pensadoras sociais do Brasil

SILVANA SÁ  
silvana@adufrrj.org.br

**S**ensível, co-movente, espontânea, intensa, plural. Adjetivos que caberiam tão bem para descrever a professora Maria Lucia Teixeira Werneck Vianna se encaixam perfeitamente para contar um pouco do que foi a potente cerimônia de homenagem à docente, que faleceu em 16 de dezembro, aos 81 anos. A iniciativa foi do Instituto de Economia, casa de Maria Lucia por décadas, com apoio da AdUFRJ, e aconteceu na noite de 13 de janeiro, no Salão Pedro Calmon, na Praia Vermelha.

Ex-presidente da seção sindical entre 2017 e 2019, Marilu — como era conhecida pelos mais próximos — colecionou afetos. Filhos, netos, amigos, orientandos e admiradores se revezaram ao microfone para apresentar manifestações de carinho e gratidão sobre a importância dela em suas vidas e o legado de suas reflexões sobre o Brasil.

A mesa da cerimônia foi dirigida pelo professor Carlos Frederico Leão Rocha, diretor do Instituto de Economia, e contou com as presenças da presidente da AdUFRJ, Mayra Goulart, e da reitora em exercício da UFRJ, Cássia Turci.

Mayra, que herdou a construção política iniciada na AdUFRJ em 2015 e consolidada por Maria Lucia a partir de 2017, enalteceu a contribuição política de Marilu. “Construiu um movimento sindical diferente, atento às questões nacionais, comprometido em combater a extrema direita, que pensa um desenvolvimento voltado para as classes populares e que também está preocupado com o cotidiano da universidade”.

Reitora em exercício, a professora Cássia Turci destacou a preocupação de Marilu com a docência e seu compromisso com a sala de aula e com a universidade. “Precisamos de mais pessoas que vejam a universidade como ela, de forma holística. Os valores que Maria Lucia deixou vão continuar. Ela queria uma universidade mais humana, antirracista, não misógina. Deixou muitas sementes”.

O professor Carlos Frederico lembrou da força de Maria Lu-



FOTOS: FERNANDO SOUZA

**CASA CHEIA** Salão Pedro Calmon foi o local da homenagem. Iniciativa foi do Instituto de Economia, em parceria com a AdUFRJ e a família

cia na campanha para a AdUFRJ. A gestão dela sucederia a dele (Fred foi vice-presidente do sindicato de 2015 a 2017). “Quando fui convidada, ela já estava com problemas respiratórios sérios, mas assumiu a campanha e passou dois anos na presidência. Inteira! Isso me marcou profundamente”, disse. “Ela era extraordinária”.

## VIDA ACADÊMICA

Coube à professora Lígia Bahia, amiga pessoal e companheira de gestão de Marilu na AdUFRJ, destacar a atuação intelectual da amiga. “Maria Lucia é uma das principais pensadoras sociais do nosso país e, a meu ver, a maior pensadora das políticas sociais brasileiras”, afirmou, sem esconder a admiração. “Os cadernos de anotação dela são verdadeiros livros. Cada caderno pode ser editado como um livro e talvez nós tenhamos que fazer isso mesmo”, sugeriu, ao elogiar a eloquência da amiga, a solidez de seus textos e o português impecável. “Suas aulas tinham uma profundidade impressionante. Ela não apresentava um só autor. Era o oposto do pensamento único”.

Outras características marcantes na universidade, e destacadas por Lígia, eram sua generosidade e o compromisso com os orientandos. Mesmo com aqueles que não eram seus alunos. “Todo mundo chamava a Maria Lucia para consertar suas teses. Ela dava um jeito em tudo. Era a fada das teses. Uma

“**Maria Lucia era uma das principais pensadoras sociais do nosso país. Suas aulas tinham uma profundidade impressionante. Ela não apresentava um só autor. Era o oposto do pensamento único”**

LIGIA BAHIA

Professora do IESC e amiga pessoal

espécie de Avatar que dobra fogo, que dobra vento”, brincou. “Ela era o nosso avatar”.

“Sinto muita falta de conversar com ela”, confessou Lígia Bahia. “Certamente eu não seria a pessoa que sou sem a Maria Lucia”. Lígia aproveitou o momento para agradecer aos familiares que a permitiram ir até o quarto do hospital onde estava Marilu para a despedida. “Muito obrigada. Eu precisava muito disso”.

## TRAJETÓRIA PESSOAL

Quem contou sobre os momentos da vida pessoal de Maria Lucia foi sua prima, a professora Beatriz Resende, titular da Faculdade de Letras da UFRJ. Maria Lucia vinha de uma família de outros dois irmãos: Aloisio (ex-reitor da universidade por oito anos) e Raul. “Com eles aprendi a necessidade da participação política na luta contra a desigualdade e injustiça em nosso país e na busca por um mundo melhor”, resumiu Beá,

no início de seu discurso.

Ela contou que a militância de Maria Lucia começou ainda na UNE. Com o golpe de 1964, a alegre casa dos Teixeira foi invadida. “Os militares chegaram para prender o tio Francisco (pai de Maria Lucia), comandante da Zona Aérea do Galeão no governo Jango. Minha avó enfrentou os oficiais que vieram para levá-lo”, recordou. “Quando os golpistas voltaram para buscar outros envolvidos, nossa avó Carmen Teixeira passou mal e morreu. Ao ódio e ao nojo que tenho da ditadura, acrescento a culpa por esse homicídio”.

Um fato curioso destacado pela professora Beatriz foi que, durante a prisão, em 1971, Maria Lucia fez uma bonequinha de pano com fiapos de lençol para a então filha caçula Marina (na época, ela tinha três filhos: João Pedro, Juliano e Marina. O quarto filho, Salvador, nasceu anos depois). “Depois de solta ela ria, contando que os milicos queriam saber como aquilo



**CUMPLICIDADE** Professoras Beatriz Resende (à esq.) e Lígia Bahia



**ORGULHO** O neto Miguel mostra fotos familiares publicadas na edição do Jornal da AdUFRJ que homenageou Marilu. Pôsteres contam a vida da docente e ficaram em exposição

FOTOS: FERNANDO SOUZA



**SALVADOR:** “Sentimos uma falta imensa. Um pedaço de nós se foi”

havia entrado no cárcere. Ela nunca, nunca mesmo, se queixou da vida”.

## MÃE ZELOSA E AVÓ AMOROSA

Dois dos filhos contaram um pouco mais sobre quem era Maria Lucia na intimidade. O caçula, Salvador, fez parte da mesa da cerimônia. “Piscamos o olho e quatro luas se passaram. Temos sentido uma falta imensa. Um pedaço de nós se foi”. Economista de formação e pesquisador do Ipea, ele destacou como foi conviver com a mãe no Instituto de Economia. “O Lattes da minha mãe não faz jus à sua carreira. Eu convivi muito intensamente com mãe quando eu era aluno aqui de esta casa. Eram cinco, seis orientandos por ano de graduação, mestrado e doutorado. Multipliquem isso por 30 anos”, disse. “Tinha um compromisso prioritário com os estudantes”, elogiou.

Marina destacou o perfil de luta de sua mãe e contou episódios engraçados envolvendo as duas. Um deles, enquanto moravam no Bairro Peixoto. “Nos anos 1980, havia um ônibus da Fundação Leão XIII que passava recolhendo a população em situação de rua. Uma vez, ouvimos uma gritaria. Ela foi para a janela. As pessoas gritavam pedindo socorro”, lembrou. “Minha mãe desceu e fomos as duas parar o



**MARINA:** “Minha mãe era muito forte. Adorava uma briga boa”

ônibus. Minha mãe adentrou o veículo, começou a tirar as pessoas desse ônibus. Foi uma loucura. Uma revolução! Ela adorava uma briga boa”.

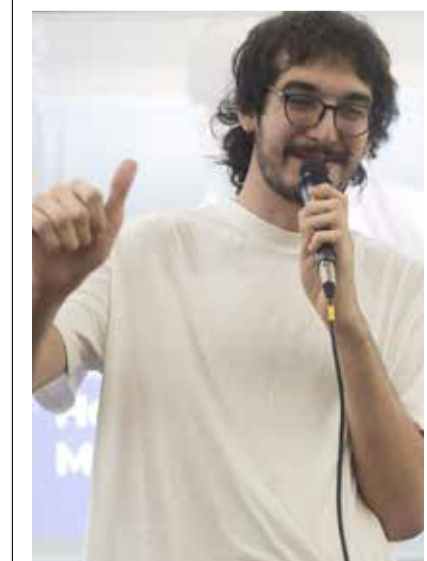
O neto caçula Antônio, de seis anos, abriu a homenagem dos netos e emocionou a plateia com a pureza de seu relato e o choro sentido, abraçado às irmãs. “Ela era minha avó. Uma avó bem querida minha”.

“Falar sobre a vovó Lucia é muito difícil, justamente pela quase impossibilidade de descrever em palavras todo afeto que ela depositava em nós”, afirmou o neto Miguel. “Todos os netos eram amados igualmente, mas ela sempre teve uma relação especial com cada um de nós”, contou. “Nossa avó era nossa maior confidente e con-

selheira. Sempre disposta a nos ouvir, corrigir, ensinar e mimar”, lembrou.

Tomás, que herdou da avó a paixão pela música, também deu seu depoimento. “Meus pais contam que foi ela quem escolheu o meu nome. Ela foi a pessoa que eu mais amei, em quem eu confiava para falar tudo”, confidenciou. O músico não conseguiu comparecer à despedida da avó e revelou que a última vez que esteve com Maria Lucia foi após o Botafogo, seu time do coração, ter conquistado os títulos no fim do ano passado. “Ela, uma flamenquista, estava com a camisa e a faixa do meu time, sorrindo para mim e dizendo que me amava. Obrigado, vó, por tudo”.

“A casa da minha avó era o lugar onde a gente podia fazer tudo”, emendou a neta Aurora, aluna de Biomedicina da UFRJ. “A gente podia usar o quarto da sucatá para construir coisas. Ela guardava rolo de papel higiênico para a gente pintar e construir robô”, lembrou. “Minha avó era a minha pessoa favorita no mundo. A pessoa que me introduziu no ambiente da universidade federal. Enquanto eu tiver uma casa, ela será aberta a todos, como era a casa da minha avó. Esse legado eu vou levar para sempre”.



**TOMÁS:** “Ela escolheu o meu nome. Obrigado, vó, por tudo”



**EMOÇÃO** Antônio, neto caçula, ao lado das irmãs Estela e Aurora

Muito emocionada, a neta Estela, estudante de Engenharia Química da UFRJ, ratificou a cumplicidade que Maria Lucia cultivava com cada um dos netos. “A gente ria juntas, a gente chorava juntas. Eu falava que ela era minha alma gêmea e ela ficava rindo de mim. Achei engraçado quando a Lígia disse que ela não falava mal de ninguém, porque comigo ela falava e eu falava junto”, brincou. “Sinto muita falta”.

## UM POUCO ÓRFÃOS

Foram muitas as manifestações públicas de admiração, carinho e agradecimento. Uma delas, professora Eleonora Ziller, ex-presidente da AdUFRJ, para quem Maria Lucia passou a gestão, no final de 2017. “Quando fui convidada para a AdUFRJ, eu não queria ser presidente. Queria ser do Conselho de Representantes, porque entendia que era urgente combater aquele governo (Temer) e o mundo que estava se formando. Mas negava com todas as forças e argumentos estar na disputa sindical”, lembrou. “Até que, conversando com a Beá (Beatriz Resende), eu disse que estava cansada e ela me respondeu: ‘A atual presidente é a Maria Lucia! Foi o suficiente para me convencer. Era o exemplo!’, disse. “E agradeço muito. Aquele foi um período que salvou a mi-

nha vida. Não sei o que seria de mim na pandemia se não tivesse um lugar para lutar”.

Maria Malta, professora do Instituto de Economia, conviveu com Marilu como estudante e enquanto docente. “Maria Lucia foi quem me estendeu a mão e me orientou. Professora instigadora, mostrava essa profunda conexão entre a economia, a política e o caráter sociológico da pesquisa”, disse. “Ela assumiu a tarefa de ser decana do CCJE momentos antes de se aposentar e depois ainda encarou uma eleição da AdUFRJ”, elogiou. “Esse sentido da Maria Lucia, do diálogo, a gente precisa recuperar. Andar mais junto, de mãos dadas, nessa universidade que ela ajudou a construir e para a qual dedicou a vida”.

Muito emocionada, a professora Denise Gentil, importante pesquisadora sobre Previdência no Brasil e colega de Maria Lucia no IE, também fez questão de se pronunciar. “Ela foi muito importante na minha carreira. Entrei na UFRJ nos anos 1990 e fui dar aulas na FACC. Um dia, Maria Lucia me chamou para o Instituto de Economia e então eu consegui adentrar o universo da pesquisa”, revelou. “Desculpem a emoção, mas eu sinto um pouco orfã. Ela era uma mãe intelectual para mim. Tudo que eu estudei e publiquei, se algum valor tem, eu devo a ela”.

# ADUFRJ LANÇA CALCULADORA SALARIAL

Está disponível no site da AdUFRJ ([adufrj.org.br](http://adufrj.org.br)) uma calculadora para os professores saberem como vai ficar o salário com o reajuste de 9% neste ano. Vale lembrar que o aumento depende da aprovação da Lei Orçamentária Anual (LOA) para aparecer nos contracheques, mas os valores serão retroativos a 1º de janeiro. Também é possível calcular como ficarão os vencimentos a partir de abril 2026, quando será aplicado um índice de 3,5%. Confira como usar a calculadora, a seguir:

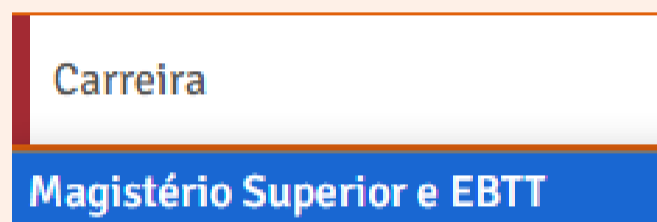
1.

A ferramenta fica na parte superior direita da página do sindicato, na aba "Salário".



2.

Como os vencimentos são iguais entre as carreiras de Magistério Superior e de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) — dos docentes do Colégio de Aplicação —, a primeira opção que aparece na calculadora unifica as duas tabelas.



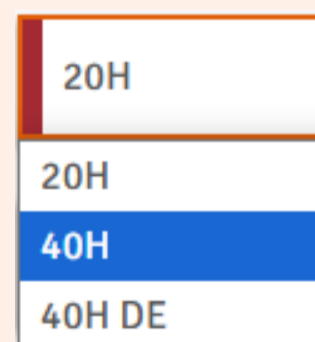
3.

A partir daí, é preciso selecionar a "Classe" do professor. É importante notar que há mudanças no início da carreira. As antigas classes A e B (do Magistério Superior) e D I e D II (do EBTT) se tornam agora uma única classe de entrada (A). No magistério superior, a nova classe A corresponde às antigas denominações "Assistente", "Adjunto-A", "Assistente-A" e "Auxiliar". A nova classe B corresponde a "Adjunto"; a nova C, a "Associado" e "D", a "Titular". Na carreira de EBTT, outro ponto é que as antigas classes D III e DIV passam a ser chamadas de "B" e "C", respectivamente. Somente a classe de "Titular" mantém o mesmo nome.



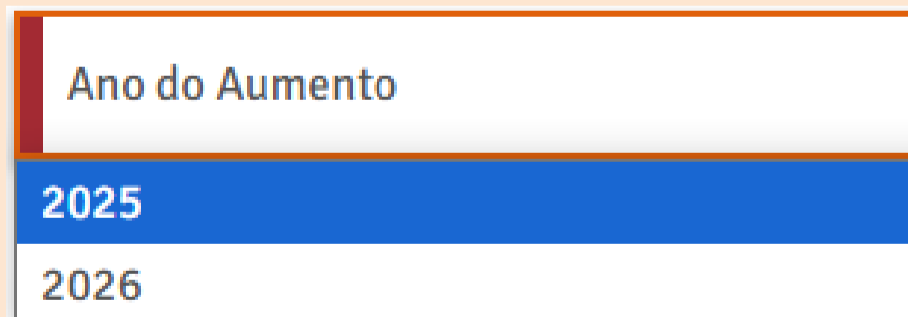
4.

Depois, basta escolher os níveis em cada classe, a titulação e o regime de trabalho



5.

A última opção é o ano do aumento (2025 ou 2026).



6.

Por fim, é só clicar no botão "calcular". O resultado já mostra o salário total, somando vencimento básico e retribuição por titulação.

